

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO A PARTIR DA ESCRITA ENSAÍSTICA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA.

Renata Carneiro Pereira da Silva
PPGHCS/COC/FIOCRUZ
carneirorn@yahoo.com.br

RESUMO

Nesse trabalho foi realizada no primeiro momento uma busca de parte da trajetória social e intelectual de Sérgio Buarque de Holanda que seguindo o caminho do movimento modernista nas primeiras décadas do século XX, propôs uma nova interpretação para a história do país, a partir do ensaio *Raízes do Brasil* (1936). A pesquisa teve como um de seus principais enfoques entender os argumentos e o tipo de escrita do gênero literário adotado por ele. Para isso, nos debruçamos nas múltiplas possibilidades de matrizes ensaísticas e sobre a influência weberiana em sua obra. Os contrastes evidenciados pelo autor por meio dos discursos sociológico e organicista, que inseriu *Raízes do Brasil* no debate sobre a história do Brasil e os caminhos da modernidade, ainda despertam a atenção de pesquisadores de vários campos do conhecimento.

Palavras-chave: Sérgio Buarque-História do Brasil- Raízes do Brasil- Ensaio

Introdução

A década de 1920 no Brasil foi um período muito efervescente. O peso das oligarquias e a crise da democracia foram alguns eventos que passaram a ser contestados. A vanguarda modernista, os intelectuais do pensamento brasileiro, assumiu o papel de projetar uma releitura do país. Os modernistas trouxeram uma nova forma de pensar, de escrever e de inovação estética no campo literário. Nos anos de 1930 proliferaram obras de intelectuais que tentaram impor sua representação de Brasil. Dentre eles está a do autor Sérgio Buarque de Holanda.

Esse trabalho orientar-se-á no sentido de buscar parte da trajetória social e intelectual de Sérgio Buarque de Holanda a fim de entender os argumentos e o tipo de escrita desenvolvida por ele em *Raízes do Brasil*. O gênero literário adotado na escrita da história do Brasil feita pelo autor é o ensaio. Esse gênero textual implica em tentativas de reflexão crítica e subjetiva. Examinaremos algumas matrizes ensaísticas e a influência weberiana a qual Sérgio Buarque lançou mão, objetivando apreender o tratamento estético do autor e sua correlação com a escrita da história.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No início do século XIX a escrita legitimada da história do Brasil deveu-se em grande parte aos relatos dos viajantes naturalistas estrangeiros, financiados na maior parte dos casos, pelo Estado. No início século seguinte a análise da obra *Raízes do Brasil* inspirou novas formas de interpretar o país e perceber a diversidade dos desafios vivenciados pelo país.

Nas primeiras décadas do século XX uma nova escrita acerca da formação do Brasil foi pensada, pois a escrita que se tinha até então foi marcada pelo sistema colonial e por instituições portuguesas. Em *Raízes do Brasil* temos um rompimento, em parte, com a história do Brasil essencialmente política e um mergulho na história social. Nessa época Sérgio Buarque buscava se inserir como escritor relevante para o pensamento social brasileiro. Porém, se preocupou com uma estética textual que pudesse alcançar a todos.

Acreditamos que a rede de sociabilidade, o contato com os ensaios artísticos promovidos pelos modernistas para as revistas e o momento efervescente que o país vivia foi uma das maiores influências no desenvolvimento do modelo de escrita adotada por Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil*. Nesse ensaio percebemos a influência de Weber na forma de mobilização dos conceitos. Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, o sociólogo explicou o surgimento da afinidade eletiva entre consciência religiosa puritana e o comportamento capitalista. A oscilação entre dois conceitos é percebida também na narrativa de *Raízes do Brasil*.

Uma das questões que nos suscitaram o desejo de pesquisa do tipo de escrita adotada por Sérgio Buarque foi parte das reflexões do sociólogo Jessé Souza na obra “A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato” (2017). O autor buscou uma reconstrução sobre a história do Brasil que pudesse libertá-lo, segundo ele, das amarras invisíveis e de falsas interpretações críticas. Dessa maneira, criticou Sérgio Buarque no ensaio *Raízes do Brasil* quando este último toma a continuidade com Portugal e a cultura patrimonialista para descrever as raízes das mazelas do país. Diante disso, encaramos o desafio de analisar as críticas que as obras com as quais nos identificamos sofreram.

Precisamos estar atentos aos elementos que concorrem para a produção de uma obra. Não devemos partir da visão finalista sobre ela. Em 2016 esse ensaio completou oitenta anos desde sua primeira publicação, no entanto, ainda hoje suas alterações

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

produzem lacunas que ainda precisam ser melhores apuradas. Buscamos compreensão a partir da chave analítica do modelo orgânico de escrita, que fez Sérgio Buarque vislumbrar algumas possibilidades de encarar os desafios do Brasil. Contudo, em sua correlação entre a estética de época e a escrita, alguns temas relevantes acabaram escapando, e isso foi reclamado pelos seus críticos.

1 Referências culturais de Sérgio Buarque e a relação com o tipo de escrita de *Raízes do Brasil*

O ensaio *Raízes do Brasil* publicado pela primeira vez em 1936 fez Sérgio Buarque de Holanda, assim como Gilberto Freyre e Caio Prado Jr., figurar entre os autores do pensamento social brasileiro. Embora o autor tenha sofrido influência de algumas teorias da época para compor essa obra, ele fez de forma original e criativa. Analisando os trechos de *Raízes do Brasil* nos parece que o ensaísta se ancorou tanto em suas influências sociais quanto profissionais. Dessa forma, buscaremos saber um pouco sobre quais eram essas influências que fez Sérgio Buarque propor aquele modo de entendimento sobre o Brasil a partir desse gênero literário desenvolvido por ele: o ensaio.

Sérgio Buarque nasceu em 11 de julho de 1902 no bairro da Liberdade em São Paulo. Segundo Monica Isabel de Moraes (2016), Christovam Buarque de Holanda, pai de Sérgio Buarque viajou para o Rio de Janeiro para acompanhar a “modificação da fisionomia da sociedade colonial”, o incremento e maior prestígio das cidades, das indústrias e das demais atividades urbanas. Trabalhando no serviço sanitário do Estado pôde assegurar uma vida decente ao escritor.

A maior parte do seu curso ginásial foi realizada no *Colégio São Bento*¹. Ainda segundo Moraes (2016) nesse lugar Sérgio Buarque incorporou sua primeira matriz intelectual, sendo a História a matéria favorita dele. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1921 onde esteve envolvido com a literatura e com grupos comprometidos com o movimento modernista. Ingressou na faculdade que hoje é a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Diplomou-se em Direito no ano de 1925, e apesar de não exercê-lo a autora ressaltou que isso permitiu que ele ampliasse sua sociabilidade.

¹ Colégio fundado em 1903 por iniciativa do abade alemão Dom Miguel Kruse. O Colégio estabeleceu laços com a elite dominante paulistana. Informações retiradas da dissertação de Monica Moraes (2016).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Iniciou sua carreira como crítico literário e jornalista, possuindo enorme erudição em Ciências Sociais, Literatura e Artes.

No ano de 1920 no jornal *Correio Paulistano* escreveu seu primeiro artigo “Originalidade literária” e foi também nesse espaço que ele conheceu muitos líderes do movimento modernista como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Monteiro Lobato, alcançando dessa forma um círculo poderoso da elite cultural paulistana. Dessa maneira, compreendemos que as suas redes de sociabilidade, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, influenciaram o campo profissional e intelectual de Sérgio Buarque.

[...] a trajetória de Sérgio Buarque de Holanda, especialmente durante os primeiros anos da década de 1920, “não pode ser vista isoladamente, mas articulada em redes de intelectuais que participam, em grande medida, de seus círculos sociais desde a juventude”. Dessa forma, é possível afirmar que o lugar social de Sérgio Buarque de Holanda, como intelectual, é plasmado em função da sua movimentação entre os círculos de sociabilidade do Rio de Janeiro e São Paulo (NICODEMO, 2012, p.109 apud MORAES, 2016, p. 32-33).

Sérgio Buarque viveu no período de transformações significativas no Brasil. A década de 1920 pode ser caracterizada pela erupção constante de críticas e oposições à sociedade oligárquica. Nos anos de 1930 houve uma crise aguda dessa ordem oligárquica. O jovem ensaísta acompanhando todas essas transformações entrevistou nos impasses graves vividos pelo Brasil. “Essas mudanças no conhecimento histórico e social refletem as mudanças significativas que ocorrem na sociedade, que é mais complexa e possui novos e atuantes sujeitos sociais” (REIS, 2003, p. 117).

João Kennedy Eugênio (2010) sinalizou que Sérgio Buarque já em meados de 1920 ideara um livro que teria por título “Teoria da América”, projeto que comunicou ao amigo Prudente de Moraes Neto. Porém, passados alguns anos e aborrecido das querelas modernistas, partiu para a Alemanha. A permanência dele nesse país despertou grande interesse pela História. Os livros de Weber também lhe indicaram alguns caminhos.

Ronaldo Vainfas (2016) ressaltou que o weberianismo de Sérgio parece um traço incontestável de seu pensamento sociológico. O paradigma organicista, amadurecido no último quartel do século XIX, aparentado ao paradigma raciológico, refinou-se no século XX. Os adeptos às perspectivas organicistas entendiam que as sociedades eram

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como “organismos sociais” e Sérgio Buarque lera alguns organicistas, como Simmel² e Aristóteles. A partir daí modulou sua história do Brasil e o entendimento dos percursos da modernidade que se implantava não só no Brasil, mas em todo mundo. Dessa forma, enfocaremos também nesse trabalho a perspectiva organicista representada nesse ensaio que o inseriu no debate sobre a história do Brasil e os caminhos da modernidade.

Ao retornar da Alemanha Sérgio Buarque publicou seu estudo na revista *Espelho* (1935), porém em 1936 saiu o livro com o nome *Raízes do Brasil*. José Carlos Reis (2003) enfatizou que nesse ensaio o autor buscou aprender a vida humana brasileira e ibérica pelo seu interior, recriando-a e revivendo-a, sendo brando teoricamente e evitando determinismos cientificistas, materialistas, climáticos e biológicos. Antônio Cândido no Prefácio da quinta edição de *Raízes do Brasil* sinalizou que a “direita” tendia a rejeitar autores como Sérgio Buarque, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. e suas análises sociais, olhando com desconfiança. Preferia autores de orientação metodológica de tipo naturalista ou positivista, como Oliveira Viana e Alberto Torres, dos quais tiravam argumentos para uma visão hierárquica e autoritária da sociedade, justamente a que Sérgio Buarque criticava em *Raízes do Brasil*.

O ensaio *Raízes do Brasil* parecia um esboço do pensamento que Sérgio Buarque queria expressar, deixando traços de suas ideias. Dessa forma, cabe aqui não só as intenções do autor para compreendermos as posições sociais, políticas, econômicas e culturais daquele momento, mas vale ainda debruçarmos sobre a forma como ele tratou esses elementos, ou seja, um exame da escrita adotada por ele: um ensaio moldado por reflexões do autor de cunho subjetivo, mas com rigor e análise aguda.

2. O paradigma de viés sociológico em relação ao ensaio e a concepção organicista

Buscando compreender a forma de escrita desenvolvida por Sérgio Buarque no ensaio *Raízes do Brasil*, que se imbricou com o modo de como ele propôs o entendimento acerca do país, João Kennedy Eugênio (2010) ressaltou que o formato do ensaio *Raízes do Brasil*, a erudição e suas tensões exprime a situação histórica em que o

² Georg Simmel (1858-1918) foi um sociólogo alemão e professor universitário. Foi considerado o fundador da Sociologia Formal ou Sociologia das Formas Sociais. Entre suas obras destacam-se: “Os problemas da Filosofia da História”; “Filosofia do dinheiro”. Disponível em: ebiografia.com/georg_simmel/

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

texto foi elaborado, dessa forma, não devemos dissociar o modo de interpretação sobre o Brasil feita por Sérgio Buarque do momento em que a universidade ganhava influência no ensino e no campo da pesquisa histórica acerca da “realidade brasileira”. José Carlos Reis (2003) sinalizou que a Revolução de 1930 pôs em xeque a validade das interpretações do Brasil quando ela era ainda incontestável, o que historiador Capistrano de Abreu³ já havia contestado. As linguagens interpretativas encontradas no ensaio foram entendidas por Eugênio (2010) a partir do movimento contrastante da obra, o que para ele é o coração dela. Contudo, sua forma de elaborar seus textos foi se modificando durante a vida:

A bibliografia já clássica sobre o Sérgio Buarque de Holanda defende a ideia de que a proximidade com a universidade produz efeitos também em sua escrita. Na medida em que se torna um historiador profissional o autor substitui o recurso ao ensaio por textos mais especializados, com recortes consideravelmente mais circunscritos. Isso pode ser percebido, por exemplo, no modo como os modelos interpretativos duais de seu primeiro livro, “trabalhador e aventureiro”, ou “ladrilhador e semeador”, alteram-se desde *Monções*, seu segundo livro publicado em 1945, e resulta no desenvolvimento de um método fluido, preocupado em escapar de generalizações e em captar as diversas temporalidades dos eventos (NOCODEMO, 2014, p. 46).

As revisões feitas na segunda (1948) e na terceira (1956) edição de *Raízes do Brasil* têm relação direta com a transformação de Sérgio Buarque em historiador especializado. Fundamentalmente, a revisão se pautou por um abrandamento da matriz sociológica da obra e por um adensamento do aparato de erudição histórica (EUGÊNIO 2011, p. 400-408 *apud* NICODEMO, 2014, p. 45). “Na historiografia, Sérgio Buarque de Holanda se afirmaria - como certamente desejou desde os anos 1950 - entre as maiores referências da disciplina, talvez ao lado, apenas de Varnhagen e Capistrano de Abreu” (GOMES, 2016, p. 14). Apesar de posteriormente Sérgio Buarque ter se tornado um historiador especializado, o autor tem uma trajetória de atuação multifacetada no campo intelectual em detrimento de suas influências sociais e profissionais desde quando era jovem.

³ João Capistrano Honório de Abreu (1853-1927) foi um historiador brasileiro. Para ele a história do Brasil tem raízes no próprio território brasileiro. Principal obra: *Capítulos sobre História Colonial*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-nacional-200-anos/os-personagens/capistrano-de-abreu/>

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A dedicação de Sérgio Buarque à crítica literária, que ao lado da poesia, era o gênero de maior prestígio à época no momento em que ele tentava impor sua representação de Brasil, fez o autor aproximar-se do ensaísmo e da História, enquanto temática principal que passou a ser objeto de estudo e de prática científica por meio da universidade. Segundo Mônica Moraes (2016) os gêneros de maior aceitação pública eram as obras literárias de ficção e da literatura brasileira. A elite intelectual mergulhou na observação da conjuntura que protagonizava o país. A insatisfação com a política oligárquica e a ascensão de Vargas convidava os intelectuais a refletir sobre os desafios que o Brasil enfrentava. O “movimento de redescoberta” do país acenou para os gêneros editoriais em evidência: a literatura nacional e os ensaios de interpretação sobre o Brasil.

Percebemos que no ensaio beira uma linguagem mais poética e literária sobre a história do Brasil. No entanto, a defesa de um ponto de vista pessoal acerca dos desafios que o Brasil enfrentava no tocante aos aspectos político, social, cultural, entre outros, não significou falta de lógica na apresentação das ideias do autor. O ensaio parece ter um viés híbrido, ou seja, a dimensão estética não está dissociada do raciocínio lógico. O valor estético e a maneira de utilizar a linguagem que formam uma estrutura harmoniosa, não devem ser encarados como meras opiniões sem sustentação de citações, de pesquisas e de outros mecanismos.

O momento da gênese da escrita de *Raízes do Brasil* pareceu guardar experiências relacionadas à aprendizagem racional da profissão e aquisição de uma conformação científica, no entanto, “[...] o próprio Sérgio é também mobilizado como figura decisiva que é na construção da fortuna crítica de sua obra, em especial porque o leitor é advertido que nem todas as questões têm respostas completas” (GOMES, 2016, p. 15). Esse trecho parece evidenciar que o fato de *Raízes do Brasil* indicar tentativas para interpretar a trajetória brasileira, sem ser necessariamente um compromisso de provar alguma coisa, não fez o ensaio se esvaziar totalmente da fundamentação científica.

A maneira como o autor usa a linguagem e articula a apresentação de seus trechos ao leitor, ao mesmo tempo em que nos lembra o ensaísmo do filósofo de Montaigne “[...] penso dar uma interpretação justa às aparências que apreendo, [...] há

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

outra interpretação mais viva, essencial e interior, a que não puderam chegar os eruditos” (MONTAIGNE, 2005, p. 37), se aproxima da influência historicista em geral e weberiana em particular, o que revela a plasticidade desse gênero literário que parece combinar Ciência e Arte.

O gênero textual adotado por Sérgio Buarque mostra sua crítica e interpretação acerca do modo de como ele pensava o Brasil. A liberdade de espírito em suas reflexões parecem ter sofrido influência também da sociologia de Max Weber. A experiência vivida na Alemanha o reaproximou da História, e como a produção intelectual dos anos de 1930 estava plasmada pela demanda de interpretações acerca da história nacional, Sérgio Buarque foi conduzido ao ensaísmo.

Quando dizemos que as orientações de Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil* têm viés historicista significa que o ensaísta compreendia o mundo humano por uma abordagem individualizante não generalizante. Esse historicismo foi percebido também quando o autor passou a lançar mão de dois conceitos opostos propondo modelos para pensar o Brasil. A exemplo disso temos: cultura europeia x cultura ibérica; o caráter português x o caráter espanhol; a mentalidade patriarcal x cordial, entre outros.

Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, um dos ensaios mais conhecidos do século XX, Max Weber explicou o surgimento da mentalidade capitalista valendo-se da afinidade eletiva entre consciência religiosa puritana e o comportamento capitalista. Dessa forma, Weber pareceu ter o olhar acentuado para o processo de racionalização. Sérgio Buarque mostrou ter recebido a influência dos estudos weberianos ao tratar alguns desafios da modernidade, entre eles a relação frouxa que temos com o Estado, ou seja, a frouxidão hierárquica dos ibéricos e a aversão ao espírito de organização racional.

Sérgio Buarque pereceu em *Raízes do Brasil* trabalhar com dois conceitos, que no caso seriam modelos para pensar a trajetória brasileira. Assim como o sociólogo alemão, que trabalhou polaridades, Sérgio Buarque buscou interpretar o movimento do Brasil a partir de ambivalências e ambiguidades.

Princípios que se combatem e regulam e regulam diversamente as atividades dos homens encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. [...] O trabalhador enxerga os obstáculos e a dificuldade de vencer, não o triunfo a alcançar. Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura [...] Ânsia de prosperidade sem custo, de títulos honoríficos, de posições e riquezas fáceis, tão notoriamente característica da gente de nossa terra. O

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

gosto pela aventura teve influência decisiva em nossa vida nacional (HOLANDA, 1995, p. 43-46).

Dentre as motivações para Sérgio Buarque ter desenvolvido a interpretação sobre o Brasil naquele modelo de escrita ensaísta parece correto dizer que o autor tentava identificar os obstáculos que entravavam a modernização política, econômica, social e psicológica do país. Para ele esses obstáculos estavam ligados as nossas raízes ibéricas e à herança portuguesa. Conforme acentuou Reis (2003) a implantação da cultura europeia nos trópicos em um ambiente estranho a sua tradição é o fato mais importante na origem do Brasil. Para ele Sérgio Buarque ao pensar o que o Brasil deveria ser, discutiu primeiro o que o país era e qual espírito o formou.

O ensaio *Raízes do Brasil* traz carga significativa de matriz sociológica. Contudo, percebemos também orientação de matriz organicista. O autor João Kennedy Eugênio (2010) explicou em sua tese que a concepção organicista se difundiu na Europa a partir do século XVIII, irradiando da Alemanha, com ressonâncias na Inglaterra, Espanha, Rússia e Brasil, mas não se pode dizer que só então ela começa a existir. “A ideia de unidade orgânica já existia desde os textos de Platão, Aristóteles, Plotino, Longino, e foi redescoberta na Renascença, embora o organicismo não surja antes do século XVIII” (EUGENIO, 2010, p. 217).

A visão organicista que se difunde na Europa moderna radica na discussão grega sobre a natureza, cuja importância residia na distinção entre o mundo natural e o artificial.

Porém, há outro sentido que reconhecemos ser o sentido original, quando se refere a um princípio ou fonte. Nesse caso a palavra natureza refere-se a algo que faz o seu possuidor comportar-se de determinada maneira, sendo esta fonte do seu comportamento algo que existe dentro dele próprio: se fosse exterior, o comportamento derivado dele seria não ‘natural’(EUGENIO, 2010, p. 218).

Ronaldo Vainfas (2016) salientou que o pensamento organicista amadurecido no último quartel do século XIX, aparentando ao paradigma raciológico, refinou-se no século XX. O autor recuperou as contribuições de Bomfim⁴ que afirmava que os males das sociedades ibero-americanas, decorriam do parasitismo econômico praticado pelas metrópoles colonizadoras.

⁴ Manuel José Bomfim (1868-1932) foi um médico, psicólogo, pedagogo, sociólogo, historiador e intelectual brasileiro. Principais obras: *A América Latina*; *Através do Brasil*; *O Brasil na América*. Informações disponíveis em www.cpdoc.fgv.br/verbetes.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O pensamento de Bomfim se aproximava da corrente filosófica conhecida como organicismo, que encara a sociedade e a cultura como organismo vivo, “uma totalidade singular e espontânea dotada de um princípio interno que orienta as apropriações segundo a sua natureza, isto é, seus quadros de vida” (EUGÊNIO, 2011, p. 297, *apud*, VAINFAS, 2016, p. 27).

João Kennedy Eugênio (2010) ressaltou que não há menção explícita a intelectuais representativos do organicismo nem uma visão articulada dela a primeira vista se comparados à afiada matriz sociológica na obra buarqueana. O que para ele revela o poder de sugestão da escrita ensaística de *Raízes do Brasil*. O autor destacou ainda que entre as características próprias do orgânico, são comumente indicadas: a totalidade; a singularidade; a espontaneidade; a adaptabilidade; a finalidade, etc. Visto que a noção organicista está implícita no ensaio, podemos perceber essa noção quando Sérgio Buarque utiliza termos como mostra o trecho do capítulo 1:

Sabemos que, em determinadas fases de sua história, os povos da península deram provas de singular vitalidade, de surpreendente capacidade de *adaptação* a novas formas de existência. No caso particular de Portugal, procurou associar-se às antigas classes dirigentes, a assimilar muitos dos seus princípios, guiar-se pela *tradição*, mais do que pela razão (HOLANDA, 1995, p. 36. Grifo livre).

Sérgio Buarque acreditava que o crescimento orgânico só viria com a adaptação à realidade, à concretude. O ensaísta acabou conferindo papel importante à plasticidade como decisiva na colonização.

Considerações finais

O ensaio *Raízes do Brasil* nasceu de uma sofisticação e aprimoramento dos discursos do autor, que já vinha ocorrendo desde seu envolvimento com os modernistas, que objetivando expressão cultural nacional se direcionou a novos experimentos, ensaios e outras produções estéticas. Portanto, se não levarmos em conta as influências e as motivações que cercaram a produção de *Raízes do Brasil* talvez não compreendamos que a ênfase no organicismo e nesse tipo de escrita não foi um detalhe.

O problema central do país na nova reconstrução histórica feita pelo sociólogo Jessé Souza (2017) não era a corrupção, supostamente herdada de Portugal, mas, o abandono secular de classes estigmatizadas, humilhadas e perseguidas pós-escravidão. No entanto, para pensar nos desafios do Brasil moderno Sérgio Buarque

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estabeleceu eixos de diálogos organicistas, realçando o caráter adaptativo, plástico do processo de desenvolvimento da nação, uma vez que a força crítica do ensaio era a linguagem interpretativa por meio do próprio movimento contrastante dele.

Quando o autor escreveu o ensaio fazendo uso de conceitos, queria que repensássemos essa crença mágica que temos neles. Sérgio Buarque se utilizou de metáforas orgânicas no ensaio para ter um olhar sobre o Brasil em análise com o espírito norte americano e europeu de maneira linear, séria e profunda. Sérgio Buarque ao trabalhar com conceitos contrastantes parecia objetivar um contraponto e superar ainda o dualismo de exclusão que marcou a modernidade e que faz a escolha de um termo em detrimento do outro.

A análise dessa obra vem nos interpelando até hoje. Seja pela importância de sua interpretação, seja pelo cuidado em não se ter uma visão finalista desse ensaio, uma vez que ele não nasceu pronto. Ao resgatar a obra de Jessé Souza que revela uma crítica explícita às reflexões incorporadas em *Raízes do Brasil*, devemos atentar aos traços desse ensaio, entre eles a erudição de Sérgio Buarque, o entendimento de ensaio como forma e os elementos que concorreram para o tipo de sua escrita sobre a história.

REFERÊNCIAS

Livros e artigos:

ABREU, José Capistrano. *Capítulos de História colonial (1500-1800) e os caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil*. Editora universidade de Brasília, 1963.

ANTUNES, Danielle. Alguns aspectos estéticos da construção dos Ensaio: A “maneira” de Montaigne. *Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas*, v.4, n. 8., jan./jun., 2020.

BARBOZA FILHO, Rubem. *Tradição e artifício: iberismo e barroco na formação americana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000. pp. 402-444.

BARROS, José D’Assunção. *O campo da História: Especialidades e Abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

EUGÊNIO, João Kennedy. *Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil e Caminhos e fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese de Doutorado (História Social). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 3ªed. São Paulo: Edusp, 2015.

FRANÇA, Maria Célia Veiga. Montaigne e seus canibais. 10 de março de 2017. revistacult.uol.com.br

GOMES, Angela de Castro. Dossiê “Sérgio Buarque de Holanda: 80 anos de Raízes do Brasil”. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 36, nº 73, 2016, pp. 13-18.

GONTIJO, R. *Capistrano de Abreu, viajante*. junho de 2010.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: O IHGB e Projeto de uma História Nacional*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, 1998. pp. 5-27.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. Capítulo 01-3.ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. Capítulo 06 – 3.ed. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

HUME, David. Of essay Writing. In: *Essays, Moral, Political and Literary*, Edited by: Eugene F. Miller, 1987(versão eletrônica). Disponível em: <http://oll.libertyfund.org/title/704>

KURY, Lorelai B. *Auguste de Saint-Hilaire, um viajante exemplar*. p.1-11. 2003. Disponível em <http://www.arca.fiocruz.br>.

KURY, Lorelai B. *Saint-Hilaire: o caminho percorrido pelo viajante-naturalista até o Brasil*. 09/05/2017.

LOPES DOS SANTOS, Ivan Cleber. *A preparação para a morte em Michel de Montaigne: uma leitura do ensaio “Que filosofar é aprender a morrer”*. Revista Argumento, n. 13 (2016).

LOWANDE, Walter Francisco Figueredo. *A História transnacional e a superação da metanarrativa da modernização*. Revista de Teoria da História Universidade Federal de Goiás novembro de 2018.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

LUKACS, Georg. *On the Nature and Form of the Essay In: Soul, and form.* The Merlin Press Ltd., London. 1974.

MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios.* Uma seleção Organização de M.A.SREECH. Tradução e notas de Rosa Freire D'Aguiar.

MONTAIGNE, M. *Os ensaios.* Capítulo XXXI- Dos canibais. Tradução de J. Brito Broca e Wilson Lousada. Fonte: Clássicos Jackson. Disponível em http://www.consciencia.org/dos_canibais_montaigne.shtml acesso 10/11/2011.

MORAES, Monica Isabel de. *Duas raízes: o ensaísmo de Sérgio Buarque de Holanda.* São Paulo, 2016.

NICODEMO, T.L. Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History*, v. 7, n.14, p.44-61, 3 set, 2013.

NICOLAZZI, Fernando. *Raízes do Brasil e o ensaio histórico brasileiro: da história filosófica à síntese sociológica, 1836-1936.* Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 36, n.º. 73, 2016.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira.* 2.ed.-São Paulo: IBRASA, Brasília, 1981.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC.* 6ed-Rio de Janeiro. Editora, 2003.280p. O “Redescobrimento do Brasil” anos 1930: Sérgio Buarque de Holanda: A superação das raízes ibéricas.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais.* v. 1. Tradução de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil: com um resumo histórico das revoluções do Brasil desde chegada de D. João VI à América à abdicação do Imperador D. Pedro.* Tradução de Leonam de Azeredo Pena. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. pp. 432-452.

SANTOS, Deribaldo. *Trabalho, cotidiano e arte: uma síntese embasada na Estética de Georg Lukács.* Estudos avançados. Vol. 31 n.º. 89 São Paulo Jan./Abr. 2017.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato.* Rio de Janeiro: Leya, 2017.

VAINFAS, Ronaldo. *Introdução ao Brasil.* Um banquete no trópico. Organizador: Lourenço Dantas Mota. Capistrano de Abreu. Capítulos de história colonial. São Paulo: Editora SENAC, 1999. p. 173-189.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

VAINFAS, Ronaldo. *Gilberto e Sérgio*. Folha de São Paulo, 23 de junho de 2002.

VAINFAS, Ronaldo. *O imbróglio de Raízes*: notas sobre a fortuna crítica de Sérgio Buarque. *Revista Brasileira de História*, vol. 36, nº 73, 2016, pp. 19-40.

VON MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. *Como se deve escrever a história do Brasil*. *Revista de História de América* nº 42 (dec. 1956). pp. 433-458. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/20137096>

WEHLING, Arno. *Estado, História, memória*. Varnhagen e a construção da identidade nacional (155-193), Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1999.

_____. *Os ensaios de Michel Eyquem de Montaigne Livro II*, Compilado por Roberto b. Cappelletti, Setembro de 2005.